

Márcia Sipavicius Seide
marciaseda4@hotmail.com

Usos, características e funções retóricas de expressões idiomáticas em textos de divulgação científica

Usages, features and rhetoric functions of idioms in popularization of science communication text

RESUMO - Este artigo evidencia o uso e as funções das expressões idiomáticas em textos do gênero discursivo de Divulgação Científica publicados pela Revista *Super Interessante*. A abordagem adotada coloca, em primeiro plano, as questões relativas ao gênero no qual os itens lexicais são empregados, procedimento também utilizado pela Linguística das Linguagens Especializadas. Primeiro, as expressões idiomáticas são analisadas em suas características semânticas, sintáticas e pragmáticas, levando-se em consideração seu processamento cognitivo. Em seguida, são evidenciadas as funções retóricas destes usos, de acordo com os fundamentos da Retórica do Discurso. Mostra-se, por fim, se é possível estabelecer co-relações entre tema, seção e densidade terminológica dos textos em que as expressões idiomáticas estão presentes e se há algum padrão estilístico norteando o uso deste recurso na referida revista.

Palavras-chave: Ciências do Léxico, divulgação científica, expressões idiomáticas.

ABSTRACT - This paper evidences usages, features and rhetoric functions of idioms in the popularization of scientific texts of a Brazilian magazine called *Super Interessante*. The approach adopted sheds light on the questions related to the genre in which lexical units are employed – methodology also used by Linguistics of Specialized Languages. First, idioms are analyzed in their semantic, syntactic and pragmatic features, taking into consideration their cognitive processing. After that, rhetorical functions of idiom usages are evidenced following the fundamentals of Discourse Rethorics. Finally, it is shown whether it is possible to establish co-relations among theme, section and term density of texts in which idioms occur and whether there are any stylistic patterns on the usage of this resource in the corpus analyzed.

Key words: Lexicon Sciences, popularization of sciences, idioms.

A investigação aqui proposta faz parte de um projeto maior, cujo objetivo é descrever as funções retórico-discursivas da escolha lexical em contextos não-terminológicos.

Contextos não-terminológicos são aqueles em que a interlocução não sendo feita entre especialistas de uma determinada área, é estabelecida entre os especialistas e o público leigo ou por um terceiro que serve de intermediário, fazendo a ponte entre os especialistas e o público, um dos objetivos dos textos de divulgação científica.

A escolha lexical, por sua vez, diz respeito à elocução, isto é, à escolha dos recursos expressivos com os quais o discurso pode ser expresso, escolha feita pelo autor do texto de forma premeditada visando a determinados efeitos de sentido. A abordagem aqui adotada se diferencia de outras por pretender não somente observar, caracterizar e analisar a utilização de dado conjunto de itens lexicais num ou mais *corpora*, mas, principalmente, entender seu uso, levando em consideração o gênero ao qual pertencem os textos analisados e suas funções retóricas.

É necessário ressaltar que elas transcendem a função da função didática que sempre permeia o gênero, abrangendo

do todas as dimensões do fazer persuasivo: o *logos* (do qual provém a função didática do gênero), o *ethos* e o *pathos*. A abordagem retórica da divulgação científica contrasta com aquela que costuma ser utilizada para seu estudo. Muitas das pesquisas recentemente desenvolvidas sobre o gênero de divulgação científica estão voltadas para a análise de textos jornalísticos que divulgam, ao grande público, pesquisas anteriormente publicadas em revistas acadêmicas. Essas pesquisas costumam enfatizar a função didática do gênero, haja vista que buscam evidenciar como os autores dos textos de divulgação científica tornam o conhecimento científico compreensível a todos. Este é o caso da pesquisa empreendida por Santiago e Krieger (2009, p. 238), que afirmam:

Quando um especialista escreve para seus pares, ele não se preocupa com a explicitação dos conceitos a que se refere, pois é pressuposto que o nível de conhecimento é equitativo. Entretanto, ao escrever para o leigo, o autor, seja ele o próprio pesquisador, seja o jornalista científico, costuma ter em mente uma preocupação específica: facilitar a compreensão de seu texto ao leitor, a fim de proporcionar-lhe condições de uma leitura eficiente. Somente dessa forma, o autor atinge seu objetivo: a circulação do conhecimento técnico-científico para o público não especializado.

Além de adotar um viés retórico, a pesquisa descrita neste artigo considera as questões relativas ao gênero discursivo em tela. O fato de estar orientada para os gêneros aproxima-a da Linguística das Linguagens Especializadas a qual corresponde à,

reunião de ideias e de propostas de estudo ou de composição de programas teóricos identificadas genericamente pelos nomes de *Terminologia Textual*, *Terminologia Textualista*, *Teoria Terminológica do Texto*, *Linguística das Linguagens Especializadas* ou *Linguística do Texto Especializado*. Esses estudos, cuja denominação é heterogênea, têm em comum o emprego de metodologias de investigação centradas na descrição macro e microestrutural de conjuntos de textos de modo extensivo e com apoio estatístico (Hoffmann, 2004 e outros anos; Kocoureck, 1991, Leitchik, 2004). Outro traço compartilhado entre as suas diferentes tendências é a função importante que tem a verificação de um *modus dicendi* técnico-científico, seus propósitos são descritivo-explicativos e compartilham também a opção por colocarem as terminologias em meio a todo um conjunto de fenômenos da comunicação técnico-científica [...], sem que, no entanto, essas terminologias sejam os objetos centrais ou privilegiados das investigações. De um modo geral, em meio a um ambiente textual sujeito às convenções dos gêneros textuais implicados, torna-se central todo um conjunto de elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos que constituem as práticas textuais técnico-científicas [...] (Finatto, 2010b, p.155).

Tanto na Linguística das Linguagens Especializadas quanto na pesquisa ora apresentada, há uma preocupação em estudar e descrever práticas discursivas, levando em consideração as questões genéricas relativas ao modo composicional típico do gênero discursivo de que os textos estudados são exemplares.

Iniciam o artigo algumas considerações sobre o gênero discursivo divulgação científica. A seguir, apresentam-se dados quantitativos e qualitativos. Enquanto a abordagem quantitativa foi feita com base em cinco *corpora* distintos – descritos ao longo do artigo –, a qualitativa fundamenta-se nos estudos de Vilela (2002) e de Abreu (2010). Não se trata, contudo, de uma pesquisa pautada pela Linguística de *Corpora*, haja vista a não utilização de processamento artificial de dados e abordagens estatísticas rigorosas. Após essa análise, a investigação volta-se para a identificação das funções retóricas pelas quais as expressões idiomáticas são utilizadas, com base tanto na Retórica Clássica, quanto nas Retóricas Modernas, interpretadas e sintetizadas por Ditttrich (2008) em sua proposta de Análise Retórica do Discurso.

Muitos são os gêneros discursivos que, tal qual a revista *Super Interessante*, têm em comum o propósito comunicativo geral de promover a divulgação das ciências para o público leigo. A divulgação científica em sentido amplo abrange um conjunto de gêneros formado por todos os gêneros que visam a divulgar a ciência à sociedade. Entre eles, há os que utilizam suporte escrito (como é o caso da divulgação científica publicada em jornais), suporte audiovisual (como reportagens sobre descobertas científicas divulgadas em telejornais de emissoras de TV) ou suporte

multimodal. Este é o caso da *Revista Super Interessante* em que há, concomitantemente, textos escritos e textos imagéticos – os infográficos – cuja análise, contudo, foge ao escopo da pesquisa aqui apresentada. À diversidade de suportes, soma-se a diversidade de propósitos comunicativos específicos, produtos e participantes, heterogeneidade que dá origem a várias configurações genéricas.

Levando-se em consideração somente a divulgação levada a cabo em mídia impressa, pode-se afirmar que existem, ao menos, duas configurações desse gênero discursivo: (a) o texto jornalístico compromete-se a divulgar pesquisa científica previamente publicada em artigo acadêmico, (b) não há vinculação direta a um artigo científico em particular, mas sim um objetivo mais amplo: o de promover a educação do leitor em Ciências. Enquanto a primeira tem por suporte jornais de circulação nacional (doravante DC1), a segunda (doravante DC2) costuma ser publicada em revistas mensais, em geral destinadas a um público jovem que está cursando ou acabou de cursar o ensino médio. Conforme mostram análises apresentadas por Seide (2011), em ambas as configurações, há ampla utilização de termos oriundos da(s) linguagem(s) de especialidade(s) típica da(s) área(s) do conhecimento a que se faz referência nos textos jornalísticos de divulgação científica. Não obstante, apenas nos exemplares de DC2 as expressões idiomáticas da linguagem coloquial se fazem presentes de modo sistemático. Esta convivência de termos e expressões idiomáticas é um dos fatores que resultam numa mescla de registros linguísticos cuja análise traz à tona a interface entre os estudos lexicológicos e terminológicos e as funções retóricas que motivam seu uso.

Ainda de acordo com o estudo de Seide (2011), em textos jornalísticos de divulgação científica não comprometida com difusão de pesquisas publicadas em artigos científicos, nesse subgênero discursivo, é comum tanto o uso de expressões idiomáticas quanto o uso dos termos específicos às áreas do conhecimento de que o texto trata. Do ponto de vista terminológico, não há diferenciação entre exemplares de DC1 e exemplares de DC2. Do ponto de vista lexicológico, contudo, observou-se que apenas no texto de divulgação destinado à educação do público jovem em ciências há uso sistemático de expressões idiomáticas.

Conforme mostra Vilela (2002), a delimitação das expressões idiomáticas (também chamadas fraseologismos, frases feitas, modismos, colocações, etc.) está fundamentada na distinção entre técnica livre do discurso e discurso repetido.

A técnica do discurso livre é a liberdade relativa que os usuários do idioma têm de juntarem as partes do discurso para produção de enunciados segundo regras combinatórias pautadas nas características sintáticas e semânticas das palavras, como, por exemplo, as existentes entre os verbos e seus complementos. O discurso repetido, por sua vez, abrange tudo o que, tradicionalmente, está

fixado como expressão, giros, modismos, frases ou locução e cujos elementos constitutivos não são substituíveis ou re-combináveis segundo as regras atuais da língua (Coseriu, 1977).

Se bem haja muitas unidades fraseológicas no âmbito do discurso repetido e outras tantas unidades lexicais à disposição do discurso livre, existem também sintagmas e orações cujo uso pode ser contextualizado ora em um, ora em outro. A expressão “lançar a escada” pode apresentar o valor de discurso livre quando apresenta o significado de “fazer descer a escada para que alguém possa subir” ou o valor fraseológico de “tentar descobrir segredos de modo disfarçado”. Outro exemplo é o da expressão “estar em maus lençóis” cujo valor de discurso livre é o de “dormir entre lençóis ‘rascanhosos’, incomodativos” e o fraseológico de “estar em dificuldades” (Vilela, 2002, p.4).

Cumpramos ressaltar a importância do contexto para a determinação do sentido das expressões tanto para o discurso livre quanto para o discurso repetido: “Da mesma forma que o contexto é importante para interpretação de ocorrências literais, ele também é essencial para as expressões idiomáticas” (Abreu, 2010, p. 3).

A comparação entre o valor em discurso livre e o valor fraseológico permite perceber duas características importantes das expressões idiomáticas: de um lado, o significado de uma expressão idiomática transcende o significado correspondente à soma de suas partes, de outro, o significado literal de, pelo menos, uma de suas partes pode manter-se total ou parcialmente (Abreu, 2010, p. 4).

Raciocinando ao inverso, uma ou mais partes de uma expressão ser idiomática, pode apresentar opacidade semântica. Nos casos em que todos os itens são opacos, há um grau máximo de idiomaticidade, um grau mínimo ocorre quando apenas um item é opaco. Nesse caso, conforme afirma Vilela (2002, p. 177), há

um segundo tipo de fraseologismo [...] é a unidade fraseológica em que um dos elementos conserva o seu valor externo (que tem na técnica livre do discurso) e o outro (ou os outros) abandonando o seu significado de uso externo, tem um outro valor com o qual marca idiomáticamente toda a unidade.

Pesquisas recentes de cunho cognitivista têm evidenciado que o significado literal de partes de uma expressão idiomática pode ser levado em conta no decorrer do processamento do significado idiomático dessas expressões (Bilková, 2000 in Abreu, 2010, p. 3). Tendo como ponto de partida o estudo de Bilková sobre as expressões idiomáticas para partes do corpo na língua checa e na língua inglesa, o artigo de Abreu discute “a possibilidade de o significado literal de muitas expressões carregarem parte do significado idiomático, contrariando a visão padrão de que as expressões idiomáticas só podem ser compreendidas como um todo, não a partir da análise de suas partes” (Abreu, 2010, p. 3-4).

Outra característica das expressões idiomáticas a ser considerada provém do fato de elas estarem relacionadas a processos metafóricos e a processos metonímicos. Do ponto de vista cognitivista, as expressões ativam imagens convencionais que unem metáforas conceptuais provenientes de domínios diferentes. Para comprovar essa hipótese, Lakoff (1990 in Abreu, 2010, p. 4) analisa a expressão *to keep someone at arm's length*:

Ele explica que o significado desta expressão é motivado por uma imagem convencional e que duas metáforas, que existem independentemente em nosso sistema conceptual, fornecem a ligação entre a expressão e o seu significado. As metáforas INTIMIDADE É PROXIMIDADE FÍSICA e DANO PSICOLÓGICO É DANO FÍSICO mapeiam o conhecimento físico de manter alguém nos braços e, assim, proteger alguém de um dano físico, para o significado da expressão, que é ‘proteger alguém de um dano psicológico’. Dessa forma, este exemplo demonstra que muitas expressões têm em sua base metáforas e metonímias conceptuais que relacionam as áreas concretas e abstratas do conhecimento, ajudando os falantes a criar sentido para o significado figurado de uma expressão.

Sintetizando as características apontadas por Vilela e as descritas por Abreu, as expressões idiomáticas podem ser definidas como uma unidade de discurso repetido formado por duas ou mais palavras que forma um fraseologismo interpretado pelo usuário do idioma metafórica e/ou metonimicamente. Dessa interpretação resulta uma atribuição de significado distinto daquele que a expressão teria em discurso livre.

Neste artigo, as expressões idiomáticas (doravante designadas pela sigla EI) não são vistas como uma categoria estanque, mas sim como uma categoria variável com graus diferentes de prototipicidade. A EI mais prototípica é aquela em que a idiomaticidade é característica de todos os itens lexicais que compõem a expressão, impossibilitando que o significado do todo seja constituído por suas partes e que haja qualquer alteração em sua ordem. Caso haja um fraseologismo no discurso livre, seu significado é totalmente diferente daquele apresentado pela expressão idiomática. Expressões assim não são cognitivamente processadas como o são as literais e remetem a uma metáfora conceptual. EIs menos prototípicas são as que apresentam menor grau de fixidez e de idiomaticidade. Algumas de suas partes apresentam significado literal, podem ser processadas cognitivamente como expressões literais.

Cumpramos ressaltar, por fim, que, enquanto o critério de fixidez põe em relevo as características sintáticas das EIs, o critério de idiomaticidade põe em primeiro plano a carga semântica dessas expressões. A tais critérios acrescentam-se o de ser o fraseologismo em questão unidade de discurso livre ou de discurso repetido, o qual remete ao nível discursivo de análise e ao modo como as expressões são processadas, critério cognitivo. Percebe-se que, para dar conta de seu objeto, investigações sobre as EIs devem adotar uma abordagem interdisciplinar para a qual convergem a Semântica, a Sintaxe, a Linguística

Cognitiva e o viés discursivo, em que se dá primazia aos usos da linguagem.

Levando em consideração essa conceituação mais aberta e interdisciplinar, foi feito um estudo qualitativo e quantitativo do uso de EIs em textos de DC2. Foi feita uma análise qualitativa da versão *on-line* de um exemplar da *Revista Super Interessante* publicado em janeiro de 2011. Lidas todas as matérias publicadas, listaram-se as expressões idiomáticas encontradas, 21 ao todo. Esses dados foram comparados com outros provenientes de análise de frequência de um corpus pelos textos publicados em seis números consecutivos da revista (de agosto a dezembro de 2009)¹ (Corpus 2) mediante utilização das ferramentas do programa computacional E-terms – Ambiente Colaborativo Web de Gestão Terminológica (Oliveira *et al.*, 2009). Verificou-se, assim, se havia uso recorrente dessas expressões na revista.

Constatou-se que quase não houve repetição de EIs. Apenas duas delas foram utilizadas no *corpus*: “quem paga o preço” (01 ocorrência) e “foi a gota d’água” (01 ocorrência). Também foi investigado se havia uso de expressões idiomáticas num corpus formado por textos de DC1² (Corpus 3). Não havendo nenhuma ocorrência, concluiu-se que sua utilização é típica de textos de DC2. Apresenta-se, a seguir, uma análise parcial de algumas das expressões observadas no exemplar da *Revista Super Interessante* de janeiro de 2011 que não visa a esgotar o assunto, mas sim evidenciar o interesse e a pertinência de utilizar *corpus* formado por exemplares de DC2 quanto se objetiva estudar EIs.

As expressões a seguir confirmam a necessidade apontada por Vilela de se distinguir o significado de dada expressão como unidade de discurso livre ou como unidade de discurso repetido. No contexto em que foi utilizada, *careta* não significa uma dada expressão fisionômica, mas sim a característica de personalidade de pessoas vistas como muito sérias e desatualizadas. *Desconto* também não significa diminuição de preço, mas sim o ato de se fazer uma ressalva que ameniza a gravidade de uma informação. Do mesmo modo, quem paga o preço, não é aquele que desembolsa um certo valor, mas sim aquele que arca com as consequências negativas de uma ação.

- (1) parecer careta
- (2) só dá um desconto
- (3) quem paga o preço

As expressões (2) e (3), por sua vez, indicam a relação entre EI e processos metafóricos apontada por Abreu e por Vilela. Estas expressões têm por base uma mesma metáfora conceitual: PAGAR É FAZER UM SACRIFÍCIO. O significado da expressão (2) pode ser fundamentado

no seguinte raciocínio baseado no significado literal da ação de comprar: se há um desconto, paga-se menos e o sacrifício feito é menor, isto é, a diminuição do preço ameniza, diminui o sacrifício feito. De modo inverso, na expressão (3) o preço foi pago na íntegra, alguém teve que se sacrificar.

Outros usos observados no *Corpus 2* dão margem a reflexões sobre o grau de idiomaticidade das expressões. O caráter metafórico de uma EI nem sempre é transparente aos olhos dos usuários do idioma. Nas expressões abaixo, há, atualmente, uma opacidade de sentido. A interpretação do significado de (4) pode dar-se sem que se saiba o que é *eira*, nem sua relação com a *beira*. De fato, é possível entender essa expressão como um todo, ignorando-se o significado de suas partes constitutivas. Às vezes, a opacidade atinge apenas um dos itens lexicais da expressão, como ocorre com (5) para quem ignora o significado de *cucuia*. Em (6), apesar de hoje em dia ninguém mais ir à força por dívidas não pagas, a expressão ainda está ligada à imagem que encerra. Em usos mais cristalizados, o processamento cognitivo de uma EI, ainda que metafórica, dá-se tal qual ocorre com expressões de sentido literal, como é o caso da expressão (7).

- (4) **andando por lá sem eira nem beira**
- (5) **isso levaria a indústria nacional para a cucuia**
- (6) **com a corda no pescoço**
- (7) **esse sistema parece uma mamata**

Além desses usos que chamam a atenção por remeterem ao grau relativo de idiomatismo de que se revestem, há outros que interessam por evidenciarem que as EIs também são passíveis de variação, desde aquelas inscritas na norma, como é o caso de (08), no qual foi inserido o advérbio *muito* à expressão *faltar chão*, até aquelas que parodiam expressões já cristalizadas como é o caso de (9), que inverte a expressão *quem não chora não mama*, ou fazem trocadilhos fazendo conviver os sentidos literal e metafórico da expressão. Em (10), os dizeres entre parêntese fazem ativar o campo lexical dos animais de caça forçando a convivência do sentido literal de *coelho* e o metafórico presente na EI “matar dois coelhos com uma cajadada só”. Conforme se mostrará mais adiante, esse uso peculiar das EIs é uma característica estilística dos textos publicados pela revista.

- (8) enquanto as cirurgias robóticas se tornam comuns, **falta muito chão** para o mesmo valer para os procedimentos a longa distância.
- (9) **Quem não mama chora:** deputados de estados não produtores propuseram distribuir os royalties para todos.

¹ Corpus compilado por Jéssica Vescovi como uma de suas atividades de Iniciação Científica.

² Corpus compilado por Rafael de Souza Bentes Fernandes como uma de suas atividades de Iniciação Científica constituído por 67 textos publicados pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* de julho a dezembro de 2010.

(10) Nisso dá para **matar dois coelhos** (e salvar uns ursos)

Ainda com relação à expressão décima, é de se notar que ela foi utilizada de modo abreviado. Tanto ela quanto a anterior são facilmente entendidas, facilidade explicadas pelo efeito ecoico assim descrito por Vilela: “[Pelo] fato de os fraseologismos constituírem expressões memorizadas, o efeito ecoico permite modificações, simplificações, transposições, remotivações” (Vilela, 2002, p. 168).

Devido ao caráter educativo dos exemplares de DC, a primeira hipótese formulada para explicar seu uso nos textos foi a de sua ocorrência estar também motivada pela preocupação didática de tornar certos conceitos mais compreensíveis ao público. Nesse caso, era de se esperar uma maior frequência de uso em textos cuja temática seja de difícil compreensão ao público em geral e/ou em que haja mais termos técnicos. Para testá-la, foi utilizado um corpus (Corpus 4) formado aleatoriamente pelos seguintes exemplares da *Revista Super Interessante* (2009a, 2009b, 2010a, 2010b): janeiro de 2009, dezembro de 2009, fevereiro de 2010 e setembro 2010.

No *Corpus 4*, o número de ocorrências de EI variou de um mínimo de 13 (janeiro de 2009 e fevereiro de 2010) a um máximo de 19 (dezembro de 2009), frequência um

pouco menor daquela encontrada no exemplar de janeiro de 2011 (21) donde se conclui que sua utilização é constante nessa revista, ainda que variável.

Comparando-se os dados por seção da revista, percebeu-se que, exceto nas reportagens, não é possível prever em qual delas haverá utilização de EIs. Em muitos casos, num exemplar, há ocorrência de EIs numa determinada seção, mas não nas demais. Nas seções *Ciência Maluca*, *Banco de Dados*, *Infográfico*, *Zoom*, *Super Escolhas* e *Conexões* não houve nenhuma ocorrência. Nas seções *Foi mal*, *Oráculo*, *Contém* e *Atualidades* houve apenas uma ocorrência singular. Nas reportagens secundárias, houve certa constância na utilização da EIs. Nas reportagens de capa, foram encontradas mais EIs, independente do tema.

Somando-se as reportagens por tema, há os seguintes resultados por ordem decrescente de ocorrência: História (11), Ciência (7), Saúde (6), e Cultura (2). A tabela a seguir relaciona as informações *assunto* (conforme o título da matéria jornalística) e *extensão do texto*, calculada de modo aproximado em laudas escritas sem levar em consideração o espaço destinado aos infográficos e outros recursos imagéticos.

Conforme mostram os dados da Tabela 1, em textos da área de História, as EIs são bem mais frequentes que nas áreas de Saúde ou Ciência, respectivamente, 0,89 por lauda; 0,48 por lauda e 0,39 por lauda. Na reportagem

Tabela 1. Estudo quantitativo de utilização de EIs em 4 exemplares da *Super Interessante*.

Table 1. Quantitative study of EIs usages in four *Super Interessante* magazines.

Exemplar	Tema	Título	Ocorrências	Extensão em laudas	Ocorrência por lauda
Dez. 2009	História	Decifrando a Maçonaria (Cordeiro, 2009)	02	06	0,33
Dez. 2009	História	Irmãos do Brasil (Gomes, 2009)	01	0,5	2
Jan. 2009	História	A verdade sobre o Che (Szkwarz, 2009)	04	06	0,66
Set. 2010	História	Pearl Habor no Brasil (Monteiro, 2010)	02	03	0,66
Fev. 2010	História	Do apartheid à vuvuzela (Passos, 2010)	03	02	1,5
Set. 2010	Ciência [biologia]	A genética fracassou? (Cinquelpalmi, 2010a)	02	07	0,28
Set. 2010	Ciência [ecologia]	Os novos suspeitos do aquecimento global (Nogueira e Garattoni, 2010)	02	04	0,5
Jan. 2009	Ciência [Física]	Antimatéria (Nogueira, 2009)	03	2,5	1,2
Fev. 2010	Saúde	Você pode ser imortal (Cinquelpalmi, 2010b)	05	07	0,72
Jan. 2009	Saúde	Eles não sentem dor (Moreschi, 2009)	01	04	0,25
Jan. 2010	Cultura [cinema]	Virgens, vampiros e vendidos (Hueck, 2009)	02	2,5	0,8

sobre cinema, assunto que costuma fazer parte do conhecimento de mundo e do cotidiano dos leitores, houve uso de 0,8 EIs por lauda. Esses dados sugerem que quanto mais o assunto fizer parte daquilo que o público-alvo já conhece, mais expressões haverá, o que vai de encontro à hipótese didática levantada. No *corpus* 4, não é a preocupação pela didatização que norteia o uso de EIs.

Autoria tampouco parece ser um critério suficiente, haja vista muitos serem os jornalistas que escrevem reportagens na revista. Das onze reportagens, apenas dois autores escreveram mais do que uma matéria. Salvador Nogueira escreveu uma de 2,5 laudas e 03 ocorrências de EIs e outra, em co-autoria com Bruno Garattoni, em texto de 04 laudas e 2 ocorrências. João Vito Cinquepalmi assinou duas matérias: um de 07 laudas, com 05 ocorrências e outra de 07 laudas e 02 ocorrências. Cinquepalmi utilizou uma média de uma ocorrência por lauda e Nogueira 0,77 ocorrências, resultados muito semelhantes.

Também não mostrou ser um critério significativo a extensão da matéria jornalística em que há EIs. Enquanto, nas reportagens, constatou-se um número máximo de 0,898 EIs por lauda, em um texto curto de uma lauda e meia publicado em dezembro de 2009, *O mundo é uma grande Uniban*, de Alexandre Versignassi e Maurício Horta, houve nada menos que 07 ocorrências.

Um aspecto do uso da EI ainda não abordado diz respeito ao efeito de sentido que seu uso pode promover. Como diz Vilela (2002, p. 187), “o modelo em que se inscreve a fraseologia dá possibilidade ao falante/escritor de dizer muito mais do que aquilo que as palavras dizem e ao ouvinte/leitor de entender muito mais do que a materialidade fônica afirma”. O lexicólogo defende serem as expressões idiomáticas (as quais ele caracteriza como um tipo de fraseologismo) “uma marca da linguagem da proximidade, da oralidade, da expressividade, da descontração, da horizontalidade discursivo-pragmática” (Vilela, 2002, p. 184).

Entre os efeitos de sentido elencados por Vilela, importa ressaltar o de estabelecer uma “horizontalidade discursivo-pragmática”. Quando utilizada num discurso, a expressão idiomática promove uma relação horizontal entre enunciador e enunciatário, isto é, uma relação simétrica, feita entre iguais, a qual, em termos retóricos, é o resultado pretendido pela construção do *ethos* do orador. De fato, a criação dessa relação pode promover um efeito de sentido de identidade mediante a qual o orador coloca-se como igual à audiência que pretende convencer.

Na Análise Retórica do Discurso, são levadas em consideração três dimensões da persuasão: a do *ethos* (argumentação representacional), a do *logos* (argumentação técnica) e a do *pathos* (argumentação emotiva). São instâncias de argumentação interdependentes, elaboradas em função do conhecimento que o orador tem a respeito daqueles que pretende convencer.

Pode-se acrescentar, ainda, que dimensão técnica é da ordem do conhecer e do entender; a emotiva, do sensibilizar e do atrair; a representacional, do crer e do legitimar. A relação entre o orador e o esquema argumentativo é da ordem da racionalização; entre o argumento e o auditório, da afetividade. Entre o orador e o auditório, da legitimidade (Dittrich, 2008, p. 23).

A especulação sobre uma possível função didática a nortear o uso da EI diz respeito à ordem do conhecer. A primeira hipótese colocada e refutada pelos dados era a de que as expressões eram utilizadas pelo escritor para promover o entendimento dos conteúdos científicos que ele pretendia divulgar. O efeito de sentido das EIs descrito por Vilela concerne à ordem da legitimidade. A análise apresentada a seguir investiga em que medida a utilização das EIs está pautada por questões *éticas*.

No caso da *Revista Super Interessante*, o público-alvo é caracterizado por ser composto por jovens estudantes do ensino médio. Trata-se de uma publicação voltada ao entretenimento, que utiliza uma linguagem leve e descontraída, capaz de provocar certa catarse no leitor, catarse essa provocada pela sensação de se tratar de uma interlocução estabelecida entre iguais.

Esse tom ameno da linguagem pode ser alcançado via utilização de expressões de sentido metafórico, com inclusão das expressões idiomáticas. É uma estratégia retórica muito comum na *Revista Super Interessante*, desde o início de sua publicação no Brasil, conforme mostram os exemplos a seguir oriundos de exemplares publicados na década de 80 do século passado, coletados e compilados no âmbito do Projeto TEXTQUIM/TEXTECC (Finatto, 2010a):

Enquanto trabalhavam nas madrugadas gélidas do pólo sul, cientistas do Instituto Britânico de Pesquisas Antárticas descobriram acidentalmente que a concentração de ozônio sobre a região não só era muito mais baixa do que em qualquer lugar da Terra, como também vinha diminuindo a cada ano desde 1977. A princípio, cientistas da NASA contestaram a informação, mas depois *entregaram os pontos* (*Super Interessante*, 1988b, grifos nossos).

A década de 50 assistiu a um debate até hostil entre os partidários do Big Bang e os do Universo estacionário. Os primeiros acabaram *ganhando a parada* com a descoberta de Penzias e Wilson da radiação de fundo das microondas cósmicas (*Super Interessante*, 1987, grifos nossos).

No primeiro exemplo, o uso da expressão de sentido metafórico “entregar os pontos” imprime ao texto um tom jovem e coloquial. Um tom ainda mais coloquial é conseguido, no segundo exemplo, pela utilização da expressão “ganhar a parada” utilizada com o sentido de vencer, numa comparação com a vitória num jogo. O fundo metafórico dessa expressão é mais perceptível que o da expressão do primeiro exemplo. Percebe-se, pelo contexto, que a vitória numa polêmica científica é comparada com a vitória num jogo, provavelmente por ambos envolverem riscos e apostas.

No exemplo a seguir, há também utilização de expressão idiomática de sentido metafórico: “O projeto do motor a hidrogênio *dorme nas gavetas* do laboratório à espera de verbas do governo” (*Super Interessante*, 1988a, grifos nossos). Quando se diz que um projeto “*dorme nas gavetas*”, se quer dizer que ele não foi utilizado e/ou foi esquecido. Nesse caso, a comparação com seres animados e conscientes resultou em personificação, cujo uso, no contexto, persegue o mesmo objetivo dos três exemplos ora analisados: o de promover comunhão com os leitores. Pela linguagem que utiliza, o escritor faz de si mesmo uma imagem de alguém descontraído e jovial, imagem que pretende espelhar o perfil de leitor idealizado pela revista: jovens que estão no ensino médio ou acabaram de concluí-lo.

Nesses exemplos, por o interesse na utilização das EIs de sentido metafórico estar relacionado à criação da imagem do escritor, ela apresenta função *ética*, isto é, relativa ao *ethos* do orador, classicamente definido como “o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório” (Reboul, 2000, p. 48).

Além de apresentar função *ética*, o modo como algumas delas são utilizadas, apresentam caráter lúdico e jocoso e apelam para o *pathos* (parte da retórica em que se busca convencer de modo patético, emocionando a audiência). Nessa função *pathética*, a expressão é contextualizada de tal modo que sua interpretação como unidade do discurso livre e como unidade do discurso repetido são acessadas pelo leitor de modo simultâneo, resultando num trocadilho que diverte o leitor, conforme evidenciam os exemplos a seguir, oriundos do *Corpus 4*:

(11) Geisy não derrubou uma World Trade Center, mas cutucou uma onça da psicologia com vara curta (Verisnassi e Horta, 2009, p. 25).

(12) As operadoras locais resolveram juntar o útil ao desagradável e criaram um serviço de alertas de terremoto via SMS (Haidar, 2009, p. 37).

(13) A ideia de que bastaria interferir em um gene para resolver um problema que surgisse caiu por terra. Na verdade, ela até ficou de pé, mas só para doenças raras (Cinquelpalmi, 2010, p. 55).

(14) E outro estudo colocou ainda mais lenha na fogueira, ou melhor, calor na atmosfera (Nogueira e Garattoni, 2010, p. 82).

(15) John morreria apenas um ano depois, de ataque cardíaco, sem comprovar o bom faro de Alexander para os negócios. E para o uísque (Araújo, 2009, p. 43).

No primeiro exemplo, a inserção do sintagma “da psicologia” no interior da expressão desautomatiza a lei-

tura causando um efeito jocoso. No segundo, é a troca de um termo da expressão por seu antônimo (desagradável) que causa esse efeito. Na terceira, é o contraste causado pela antonímia textual³ “caiu por terra - na verdade dela até ficou de pé”, que causa o riso. Na quarta, a graça está na explicação a respeito do significado da expressão utilizada; na quinta, por fim, a última oração do período (E para o uísque) ativa a interpretação da expressão idiomática.

A análise de *corpora* de textos da *Revista Super Interessante* mostrou que eles são contextos propícios à utilização de EIs. Qualitativamente, elas apresentam uma diversidade que torna esse tipo de *corpus* uma rica fonte de estudo sobre o tema. A análise das EIs utilizadas num único exemplar da *Revista Super Interessante* fez virem à tona questões importantes para o estudo dessas expressões: discurso repetido e discurso livre, graus de idiomatidade e de fixidez, natureza metafórica das expressões e processamento cognitivo desses fraseologismos.

A análise da utilização de EIs num corpus mais amplo (o *Corpus 4*, formado por quatro exemplares da revista), por sua vez, mostrou que tema, seção e densidade terminológica não são critérios para sua utilização, não havendo, portanto, motivação didática para seu uso. A Análise qualitativa das EIs empregadas, por fim, evidenciou duas funções retóricas: a *ética* pela qual se tenta forjar uma identidade entre escritor e leitor e a *pathética* pela qual o escritor procura emocionar a audiência, no caso, criando, pelo trocadilho, efeitos de sentido jocosos. Conclui-se, assim, que nem todos os exemplares de divulgação científica têm, por fim exclusivo, fazer o público em geral compreender as novas descobertas científicas, pois também almeja atrair o leitor, emocioná-lo, deixá-lo interessado, num jogo de sedução que se faz presente em todo texto jornalístico de maneira mais ou menos velada.

Referências

- ABREU, D. 2010. Mapeamento Conceptual de Expressões Idiomáticas: um estudo empírico de expressões da língua inglesa. In: ENCONTRO DO CELSUL, IX, Palhoça, 2010. *Anais...* Palhoça, Universidade do Sul de Santa Catarina, p. 1-8.
- ARAÚJO, T. 2009. O verdadeiro Johnnie Walker. *Super Interessante*, jan. São Paulo, Ed. Abril, p. 43.
- CINQUEPALMI, J.V. 2010a. A genética fracassou? *Super Interessante*, set. São Paulo, Ed. Abril, p. 53-61.
- CINQUEPALMI, J.V. 2010b. Você pode ser imortal. *Super Interessante*, fev. São Paulo, Ed. Abril, p. 14.
- CORDEIRO, T. 2009. Decifrando a Maçonaria. *Super Interessante*, dez. São Paulo, Ed. Abril, p. 64-69.
- COSERIU, E. 1977. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid, Gredos, 150 p.
- DITTRICH, I.J. 2008. Por uma retórica do discurso: argumentação técnica, emotiva e representacional. *Alfa*, 52(1):21-37.
- FINATTO, M.J.B. 2010a. *Projeto textquim*. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/textquim/>. Acesso em: 15/09/2010.

³ A antonímia textual caracteriza-se por se uma relação de oposição de sentido que se estabelece num dado texto abrangendo unidades mais extensas que um item lexical de modo que não é possível simplificar o par sem haver prejuízo de sentido, sobre esta noção ver Seide (2000, 2004).

- FINATTO, M.J.B. 2010b. Para além das terminologias: estudos de convencionalidade em linguagens científicas. In: C.L. PERNA; H.K. DELGADO; M.J. FINATTO (orgs.), *Linguagens especializadas em corpora: modos de dizer e interfaces de pesquisa*. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 152-183. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/>. Acesso em: 11/06/2011.
- GOMES, L. 2009. Irmãos do Brasil. *Super Interessante*, dez. São Paulo, Ed. Abril, p. 69-71.
- HAIDAR, S. 2009. 5 coisas que você não sabia que um celular pode fazer. *Super Interessante*, dez. São Paulo, Ed. Abril, p. 37.
- HUECK, K. 2009. Virgens, vampiros e vendidos. *Super Interessante*, jan. São Paulo, Ed. Abril, p. 58-61.
- MONTEIRO, M. 2010. Pearl Harbor no Brasil. *Super Interessante*, set. São Paulo, Ed. Abril, p. 62-67.
- MORESCHI, B. 2009. Eles não sentem dor. *Super Interessante*, jan. São Paulo, Ed. Abril, p. 63-67.
- NOGUEIRA, S. 2009. Antimatéria. *Super Interessante*, jan. São Paulo, Ed. Abril, p. 78-81.
- NOGUEIRA, S.; GARATTONI, B. 2010. Os novos suspeitos do aquecimento global. *Super Interessante*, set. São Paulo, Ed. Abril, p. 79-83.
- OLIVEIRA, L.H.M.; ALUÍSIO, S.M.; ALMEIDA, G.M. de B. 2009. *E-terms Ambiente Colaborativo Web de Gestão Terminológica*. Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <http://www.eterms.cnptia.embrapa.br>. Acesso em: 13/07/2011.
- PASSOS, P. 2010. Do apartheid à vuvuzela. *Super Interessante*, fev. São Paulo, Ed. Abril, p. 68-71.
- SANTIAGO, M.S.; KRIEGER, M. da G. 2009. Terminologia a serviço da informação: rede de palavras-chaves para artigos de divulgação científica da Medicina. *Calidoscópio*, 7(3):237-242. <http://dx.doi.org/10.4013/cld.2009.73.07>
- SEIDE, M.S. 2000. *Descrição léxico-semântica da antonímia em dois sermões de Vieira*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 167 p.
- SEIDE, M.S. 2004. A antonímia textual. In: A.N. ISQUERDO; M. da G. KRIEGER (orgs.), *As Ciências do Léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, Ed. UFMS, vol. II, p. 101-110.
- SEIDE, M.S. 2011. A migração lexical e a mescla de registros em textos de divulgação científica. In: I CONGRESSO DE ESTUDOS DO LÉXICO, I, Salvador, 2011. *Anais...* Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1:155.
- SZKLARZ, E. 2009. A verdade sobre o Che. In: E. SZKLARZ, A verdade sobre o Che. *Super Interessante*, jan. São Paulo, Ed. Abril, p. 47-57.
- REBOUL, O. 2000 O sistema retórico. In: I.C. BENEDETTI (trad.), *Introdução à Retórica*. São Paulo, Martins Fontes, p. 43-70.
- SUPER INTERESSANTE. 1987. São Paulo, Ed. Abril, nov.
- SUPER INTERESSANTE. 1988a. São Paulo, Ed. Abril, fev.
- SUPER INTERESSANTE. 1988b. São Paulo, Ed. Abril, abr.
- SUPER INTERESSANTE. 2009a. São Paulo, Ed. Abril, jan.
- SUPER INTERESSANTE. 2009b. São Paulo: Ed. Abril, dez.
- SUPER INTERESSANTE. 2010a. São Paulo, Ed. Abril, fev.
- SUPER INTERESSANTE. 2010b. São Paulo, Ed. Abril, set.
- VERSIGNASSI, A.; HORTA, M. 2009. O mundo é uma Uniban. *Super Interessante*, dez. São Paulo, Ed. Abril, p. 25.
- VILELA, M. 2002. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: ENCONTRO COMEMORATIVO DOS 25 ANOS DO CENTRO DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE DO PORTO, Porto, 2002. *Actas...* Porto. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/18051/2/146000079120.pdf>. Acesso em 10/03/2010.

Submissão: 15/07/2011

Aceite: 21/10/2011

Márcia Sipavicius Seide

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Rua Pernambuco, 1777

85960-000, Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil